

## **OCTACÍLIO CAMELO DE ALBUQUERQUE, O MÉDICO E O POLÍTICO, PATRONO DA CADEIRA 35 DA APMED**

Arlindo Monteiro de Carvalho Júnior  
Membro Titular da APMED - Cadeira 35

Octacílio Camelo de Albuquerque nasceu em Areia-PB, em 21/02/1874. Primeiro filho de João Aureliano e Mariana Borges da Fonseca Albuquerque. De família numerosa, teve mais 6 irmãos. Para entender a vida de Octacílio de Albuquerque é necessário voltar no tempo, ao final do século XIX, um século de grandes transformações, em que se deu a Independência do Brasil, abolição da escravatura e a instalação de nossa República. Nesse ambiente de mudanças e intenso desenvolvimento político e social, Octacílio foi moldado. Eram 39 municípios, e a Capital da Parahyba também se chamava Parahyba. Areia fora elevada à condição de Cidade através da Lei Provincial nº 2, de 18 de maio de 1846, tornando-se uma próspera rota de comércio em que fervia o ardor cívico e cultural. Teve o primeiro Teatro do Estado e suas escolas gozavam de prestígio na formação de jovens. Uma dessas escolas era de seu tio Xavier Junior (irmão de seu pai), um idealista desprendido de elevada sensibilidade moral, ao qual Octacílio puxara e com quem aprendeu as letras. Foi na escola de seu tio, aos 17 anos, que iniciou seu professorado. Atuou também na escola pública de Areia. A esta altura, por influência de seu pai, Joca Aureliano, frequentava o teatro e escrevia peças infantis. Não demorou a levar seu talento com a escrita ao Jornalismo, atuando nos periódicos de circulação local, como “O Jornal” e “A verdade”. Era um jovem de expressão e chamou a atenção da bela e jovem Zulmira, com que viria a se casar em 1897.

E como Octacílio acabou na Medicina? Poderia, de fato, escolher qualquer carreira, tinha predicados excepcionais. Ao escrever artigo criticando o abuso dos poderosos locais, ganhou inimigos em Areia, foi obrigado a se demitir das escolas em que trabalhava e precisou se mudar para a Capital onde, ao final dos cursos preparatórios, decidiu-se por cursar Medicina, uma carreira que, sem qualquer dependência de governos ou políticos, garantir-lhe-ia a subsistência. Chegou ao Rio de Janeiro em 1893, instalou-se no Colégio Abílio e tinha suas expensas a muito custo bancadas pelo seu pai e seu tio. Logo precisou trabalhar para completar as despesas. Escreveu peças teatrais como “Pai de Família, Educai Vosso Filho”, “Guerra de

Canudos” e “Fim do Mundo”, era Ator, Autor, Jornalista e Escritor, e namorava à distância a menina Zizu. Ao fim do 3º ano da Faculdade de Medicina, era querido pelo Professor Francisco de Castro, maior sumidade médica das Américas (na expressão de Ruy Barbosa). Foi o homem que moldou definitivamente a sua formação e a quem foi sempre eternamente grato. A essa altura, “quase doutor”, sua renda vinha também de seus serviços no Hospital. Voltou no meio do curso para casar-se com Zulmira Ribeiro dos Santos Coelho, com quem viria a ter 7 filhos: Dulcelina, Amarílio, Jair, Togo, João, Paulo e Marina, todos naturais de Areia-PB a exceção de Paulo, que nasceu na Capital. De todos, apenas João de Albuquerque seguiria a carreira médica.

Retornando ao Rio de Janeiro para terminar seu curso médico, era homem casado, pai de família. Defendeu sua Tese, cujo tema foi “O Impaludismo do Rio de Janeiro” e que versava sobre a origem das febres naquela Capital da República. Estudou as teorias do miasma, hídrica, do mosquito e os erros diagnósticos. Naquele tempo, o Capítulo das “febres” era uma verdadeira Babel: tinha a febre remitente, febre biliosa, febre amarelo-malárica, tifo-malárica, quase tudo era desconhecido. Conforme defendeu, muitos casos de febre se deviam a doenças, como pleuris, erisipela e até cálculo vesical, situação com a qual padeceu o Presidente Prudente de Moraes. Outros tantos casos de febre seriam causados por influenza e tuberculose. Concluiu o curso ao final do ano de 1900, aos 26 anos de idade, foi orador de sua turma e, por distinção, ganhou como prêmio uma viagem à Europa, não o tendo gozado por sua condição financeira e sendo, a esta altura, pai de uma menina de 3 anos (Foto 1A).

Voltou a Areia no início de 1901, vitorioso. Foi recebido em festa. A família numerosa veio em grande presença, todos orgulhosos. Sua mãe não o queria na política, apenas médico, um médico ilustre a quem todos podiam recorrer, seja dia ou noite, em busca de tratamento. Zizu, envaidecida, achava o contrário. Entre aplausos e foguetório, Octacílio se dirigiu primeiro à sua filha, Dulcelina, erguendo-a nos braços e beijando-a fraternalmente, afinal a saudade corria-lhe a alma. No que pôde, se manteve firme aos conselhos do mestre Francisco de Castro, sua bússola na medicina, que certa vez lhe disse “Dr. Octacílio, sei que o senhor está casado e precisa enfrentar a vida, mas tudo lhe será favorável no Rio. Na Paraíba, o Sr. se empolgará pela política e talvez venha a abandonar a Medicina, o que será deveras lamentável”. Naquele tempo, no interior, médico era para tudo, não havia especialização. A realidade era dura, se atendia a qualquer hora. Como não sabia cobrar por seu trabalho e atendia aos carentes em cortesia, por vezes lhe faltava. Sabendo de sua trajetória médica vitoriosa e do respeito que o

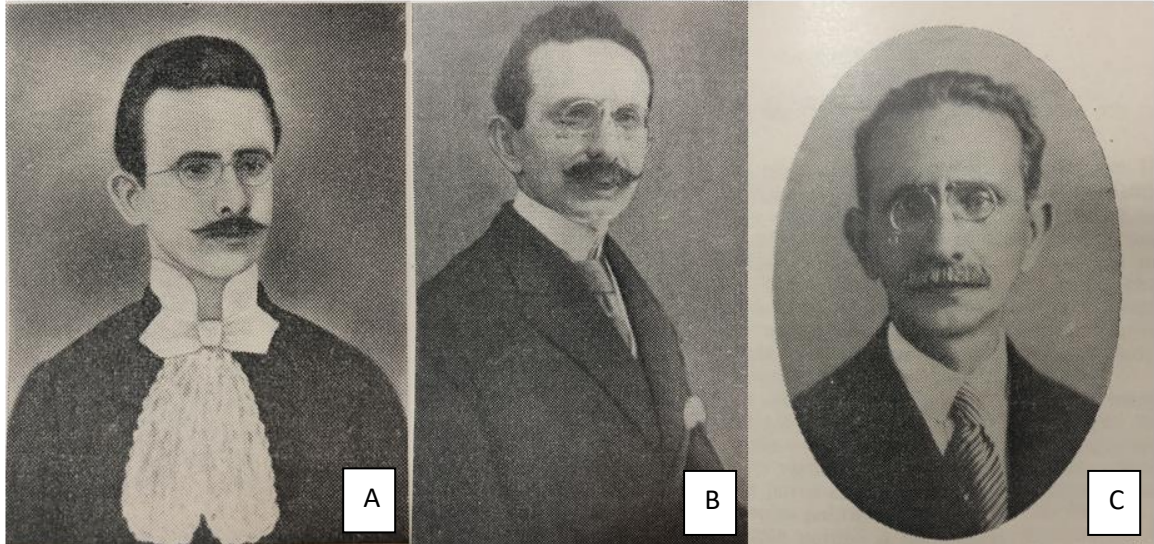
povo de Areia lhe tinha, o Governador Álvaro Machado lhe convidou para ser Prefeito, era oportunidade de fazer mais pelo seu povo. Assim, de 1904 a 1908, como Prefeito de sua terra, construiu o Mercado Público, o Coreto, restaurou o Teatro, aumentou a iluminação pública e consertou ruas. Não demorou a ser nomeado Prefeito da Capital, atuando nas finanças, reforma e ampliação de logradouros e criação do quadro de servidores municipais. De médico renomado, passou a administrador justo e respeitado, e a dedicar-se a política, foi absorvido por ela. Foi Deputado Estadual, Presidente da Assembleia, Deputado Federal e Senador da Republica (Foto 1B). Conviveu com figuras de renome, como João Machado, Castro Pinto, Walfredo Leal, Coelho Lisboa, Epitácio Pessoa, Camilo de Holanda, Venâncio Neiva, Sólton de Lucena, João Suassuna, João Pessoa, Argemiro de Figueiredo, Ardebal Piragíbe, José Américo de Almeida, entre tantos outros que fizeram nossa história e nomeiam tantas ruas e logradouros.

Árduo defensor do Nordeste, de seu algodão, combateu a seca, a fome e as endemias (ancilostomíase). Foi um dos criadores do DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, lutou pela construção de açudes e sistemas de irrigação. Foi pioneiro na defesa do voto secreto, sem o qual as eleições jamais expressariam a manifestação consciente e o cidadão padeceria sujeito a perseguições, vinganças e represálias. Àquela altura, países como Argentina, Uruguai e Paraguai já adotavam o escrutínio secreto. Tanto foi líder Republicano no Governo de Epitácio Pessoa, como, posteriormente, fundador e Líder do Partido Democrático na formação da Aliança Liberal que levou, a partir da Revolução de 1930, Getúlio Vargas ao poder. Certa vez, ao atender sua esposa, Dr. Miguel Couto comentou: “O que mais lamento foi ter Octacílio abandonado a carreira que o levaria longe e bem alto. A sua volta à Paraíba, como previra Francisco de Castro, foi seu grande mal”. A essas alturas, o político dominou o médico, mas em ambos, política e medicina, foi vitorioso. Exercia a medicina em Areia durante as férias parlamentares, abria mão dos proventos em prol dos necessitados, fez da medicina um apostolado com qual conquistou a simpatia de seus concidadãos, e cimentou seu prestígio no meio onde nascera. Seu lema era: “Faço o bem que posso”.

Medo não tinha. Escreveu inúmeros editoriais e artigos em jornais por todo Brasil: “A União”, “Diário do Estado”, “Correio da Manhã”, “Diário do Povo”, “O Jornal”, “Diário da Manhã”, “Jornal do Recife” e o “Estado de São Paulo”. Combatia o voto de cabresto, a corrupção, o fisiologismo, o nepotismo e o caciquismo, a espoliação do contribuinte e a

cumplicidade dos juízes aos poderosos. Naquela época, em nosso meio, se morria mais do que se nascia e o coeficiente de natalidade era 3 vezes menor que os do RJ e SP. Precisava mudar para melhor essa triste realidade e se esforçou para isso. Admirador do Sertão e do sertanejo, era leitor assíduo das obras de Euclides da Cunha e compartilhava de sua ideia de que “o Sertanejo era a rocha viva de nossa nacionalidade” e, portanto, era antes de tudo um forte. Que o Sertão, por sua fartura em tempos de chuva, seu clima e sua altitude, funcionava como um Sanatório, remédio eficiente para cura de muitas doenças. Buscou investimentos e melhorias para a região Nordeste. Idealista, leal e resiliente, viveu e participou das principais transformações do País entre 1910 e 1933 quando, após a morte de sua esposa, exilou-se da política para atuar na Cátedra, sua outra vocação. Lecionava no Lyceu e na Escola Normal as disciplinas de Higiene (Escola Normal), Álgebra, História Natural, Física e Química (Lyceu). Por sua vivência, tinha vasto conhecimento, era admirado e respeitado pelos alunos. Em 1940, a convite de Ruy Carneiro, foi diretor do Colégio Estadual Lyceu Paraibano (Foto 1C). A vida lhe trouxe lições importantes as quais repetia aos seus alunos: 1) Não se deve ceder ou transigir ante a pressão da força, venha de onde vier, e aconteça o que acontecer, quando a verdade e a justiça estão do nosso lado; 2) O mal que me julgavam fazer e com que procuraram me ferir e humilhar modificou para melhor todo curso de minha existência; e 3) Quando se é moço, a adversidade é o maior estímulo para perseverar e vencer. Foi um PATRIOTA. Admirador do Almirante Barroso, citava com frequência sua celebre frase proclamada na Batalha do Riachuelo (1865): “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. E cumpria o dele com maestria. Tinha posicionamento, abominava os derrotistas, criticava os beatos da neutralidade, aos quais chamava de “vaselínicos de atitude ambígua”. Pergunta-se: O que seria da medicina se Octacílio se tivesse deixado ficar no RJ, ao lado de Francisco de Castro, para se consagrar à sua prática e ao Ensino Superior? E o que seria da política paraibana sem a magistral atuação de Octacílio de Albuquerque?

Foto 1: Octacílio de Albuquerque em três momentos, A) no Rio, em 1900, após a conclusão do curso médico, aos 26 anos; B) Senador da República, aos 45 anos de idade e; C) aposentado do Lyceu Paraibano, aos 68 anos, no ostracismo político.



Fonte: Pinto, Luiz. Octacílio de Albuquerque - Época, Vida e Obra. 222p. Editora Minerva Ltda, 1966.

Octacílio Camelo de Albuquerque foi um homem completo, atuou nas artes, no jornalismo, na medicina, na política e no magistério. Formou discípulos, influenciou gerações. Expressou o conceito do médico como ser político e transformador social. Faleceu aos 81 anos de idade, às 5h da manhã de 22 de dezembro de 1954. Sepultado sem discursos, no silêncio dos seus, no túmulo 17.330, quadra 20, do Cemitério São João Batista. Conforme citado por sua neta, Dulcelis de Albuquerque, a Luiz Pinto, autor de Octacílio de Albuquerque - Época, Vida e Obra, “Octacílio pobre nasceu e pobre morreu, mas pelo que fez de bom e pelo bem que fez, imprimiu seu capítulo com letras de ouro no grande livro da vida”. Em nossa Academia, é o Patrono da cadeira de número 35, hoje ocupada pelo Acadêmico Titular Arlindo Monteiro de Carvalho Junior, que sucedeu o primeiro ocupante, fundador e Acadêmico Emérito Genival Veloso de França.

Referências:

Carvalho Junior, Arlindo Monteiro. Discurso de elogio ao Patrono da Cadeira 35, por ocasião de sua posse como Membro Titular da APMED, em 28/10/2022.

Pinto, Luiz. Octacílio de Albuquerque - Época, Vida e Obra. 222p. Editora Minerva Ltda, 1966.